



“Família em rede”

Reflexão
“Família em Rede”
Seymour Papert

Quando falamos em Papert e recorrendo ao que se sabe actualmente, este representa o fundador, pioneiro, e matemático responsável por dar início ao grande projecto MIT (Massachusetts Institute of Technology), bem como por estudos referente ao sistema dos computadores nas instituições educativas. Este autor também se preocupa de alguma forma com o desenvolvimento cognitivo das crianças, recorrendo a alguns dos princípios utilizados por grandes psicólogos do desenvolvimento como é o caso de Piaget.

Começo a minha análise a esta obra, salientando a importância que Papert dá ao facto de uma aprendizagem difícil, também poder ser divertido (conceito **Hard and Fun**) e constituir um passo fundamental e inovador no que diz respeito ao processo ensino-aprendizagem. Seymour debruça-se sobre este assunto e tem em conta o contexto familiar no desenvolvimento da criança. A verdade é que a vontade incansável e explorável das crianças, nos transmite uma ideia de facilidade na resolução dos problemas, quando comparamos estes com os adultos.

Neste ponto crucial o autor dá o exemplo das crianças sentirem uma enorme vontade de aprenderem a utilizar novos programas e daí perderem o medo de explorá-los de forma a aprender algo. No caso dos adultos ou dos pais das crianças, estes afundam-se no receio de não conseguirem concretizar determinados objectivos, limitando assim a capacidade e vontade de poderem assimilar algum conhecimento, partindo à descoberta deste. A realidade é que este



“Família em rede”

tipo de situações, bem como todos os problemas inerentes ao mundo computacional quando face ao quotidiano das pessoas, acabam por contribuir para um fosso entre a aprendizagem dos filhos e o afastamento e não acompanhamento dos pais.

Várias realidades do meu ponto de vista bastante verdadeiras, são citadas no livro. A mais valia é que o autor não só refere as situações que existem e acontecem, bem como tenta dar indicações da melhor forma de resolvê-los, de modo a que situações de fobia a computadores, bem como viciados em tecnologias e uma possibilidade vasta de consequências sejam inexistentes ou pelo menos controladas.

Uma das possibilidades que Papert apresenta como uma indicação da resolução de alguns destes problemas passa pela formação contínua e actualizada das variadas modificações conceptuais que se vão desenrolando ao nível das novas tecnologias. É necessária a existência de um acompanhamento das capacidades tecnológicas intelectuais, face à nova revolução do “mundo” computacional.

Do meu ponto de vista e enquanto futura educadora, todas estas questões que se levantam na obra, são relevantes ao ponto de eu conseguir ter noção de que estas existem e que podem influenciar de forma crucial as relações humanas que se estabelecem entre o professor enquanto adulto e o aluno enquanto criança. Torna-se primordial que ambos estes “actores” do sistema educativo consigam ultrapassar respectivamente as suas dificuldades, permitindo uma interacção motivadora e acima de tudo positiva entre ambos.

Realço o facto de Seymour Papert referir o choque entre o método tradicional de ensino e a “entrada” dos computadores nesse mesmo



“Família em rede”

método. O resultado só poderia ser uma sinergia incompatível, visto que os computadores vêm apenas fomentar o pobre sistema de ensino que não traz nada de novo. A meu ver, as tecnologias vêm dar um apoio ao sistema educativo, mas de forma a fazer mais e melhor e nunca fomentar o impacto negativo que algum método tradicionalista nos traz dentro das escolas.

Neste ponto o autor refere alguns programas específicos, bem como software que poderá ser educativo e positivo, dentro da sala de aula, não afectando as capacidades que por vezes os alunos demonstram previamente e que quando mal estimulados poderão ter consequências ao nível das intuições e capacidades cognitivas destes.

Basicamente o computador, sem dúvida poderá ser um instrumento bastante útil e com uma grande qualidade quando se trata de emitir e transmitir algum conhecimento. Esta emissão e transmissão requer que a criança tenha uma noção do que está a fazer, controlando a máquina que é o computador e rodeada por adultos (fundamentalmente pais e professores) capazes de entender todo este processo, e estabelecer uma interacção actualizada entre o que se sabe, o que se aprende e o que se vai ensinar.

Apesar de um pouco radical, Papert aponta o dedo, mas transmite as suas angústias, tentando arranjar soluções para o contexto abordado ao longo de toda a obra, ou seja apresenta uma panóplia de possibilidades positivas e negativas inerentes ao mundo do Homem e ao mundo computacional.